

Entrevista
Pedagogia / Didática
Exempli Gratia
Estudos Linguísticos
Estudos Literários
Fichas Pedagógicas
Destaques



Estudos Linguísticos

O conto tradicional multicultural como ponto de encontro de várias línguas

Naseema Saiyad

O conto tradicional multicultural como ponto de encontro de várias línguas

Naseema Saiyad¹

Introdução

Este artigo pretende ser um pequeno contributo para a promoção de um encontro entre línguas (e culturas) em meio escolar.

Partindo da noção de *género textual* e de *género textual conto tradicional*, é apresentado o conceito de *género textual conto tradicional multicultural* (CTM). Seguidamente, são referidas algumas das razões pelas quais o trabalho com o CTM pode ser encarado como um ponto de encontro linguístico-cultural. Segue-se uma análise comparativa de três CTM, que privilegia os modos de focalização da moral explícita e implícita, numa perspetiva das *dimensões textual/sequencial* e *discursivo-pragmática* (Morais 2010), e uma proposta de abordagem deste género textual em contexto de sala de aula.

O género conto tradicional multicultural

Indo ao encontro dos pressupostos teóricos do ISD (Interacionismo Sociodiscursivo), é, aqui, apresentada a noção de *género textual*, enquanto forma comunicativa abstrata.

De acordo com o ISD, os textos inscrevem-se, necessariamente, num *género textual* a que o indivíduo recorre, com base no seu conhecimento pessoal acerca do conjunto de géneros em uso na sociedade. Para Coutinho (2003), *géneros* são modelos textuais mais ou menos estabilizados (pelo menos numa determinada época/cultura), socialmente reconhecidos, da autoria de gerações precedentes. Estes modelos, que se depreendem

de textos empíricos variados, são, na realidade, entidades abstratas que orientam a atividade linguística, constituindo padrões sociocomunicativos e socio-históricos, de que os grupos sociais se servem para organizar as formas da língua em discurso; podem ser identificados pelas suas características contextuais e organizacionais, sendo reconhecidos através das designações usuais nos diferentes domínios da atividade social.

Coutinho (2003) alerta ainda para a dificuldade da descrição do *género*, que decorre do seu carácter abstrato. Há uma relação de circularidade entre géneros e textos – se, por um lado, quando tentamos descrever géneros, partimos da sua concretização em textos, por outro, para a produção textual, recorremos aos géneros. Ou seja, para ser descrito, o *género* necessita do texto que é, afinal, uma possibilidade, em várias, da sua operacionalização.

Dada a complexidade dos textos, Adam (2011), por sua vez, prefere referir *participação*, e *não pertença*, de determinado texto a um género, considerando que atribuir etiquetas de pertença de um texto a determinado género textual é uma perspetiva redutora, sendo mais benéfico observar as potencialidades genéricas que perpassam determinado texto.

Tendo presente esta noção de pertença ou participação de determinado texto a/em um *género textual*, podemos dizer que a narrativa tradicional se concretiza através de vários géneros textuais (e.g. contos, parábolas, lendas, entre outros). De

¹ Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) e Agrupamento de Escolas de Albufeira.

P

acordo com os estudos disponíveis², os géneros da narrativa tradicional diferenciam-se sobretudo tendo em conta o objetivo do texto (explicar algo, moralizar), o meio social de produção (erudito ou popular), as personagens intervenientes e o seu comportamento (pertencentes ao universo do maravilhoso, com características animais, entre outros), a referência, ou não, ao tempo e ao espaço, os temas e os motivos, a inserção de componentes sagradas/profanas e a referência a acontecimentos passados ou futuros, entre outros. Não obstante os parâmetros de distinção e respetivas designações, todos os géneros da narrativa tradicional se aproximam num ponto – o da disseminação dos textos através da oralidade (ainda que a sua génese se possa encontrar, por vezes, em textos escritos) e o da sua transmissibilidade, de geração em geração.

Não havendo consenso relativamente à classificação/catalogação destes textos, foi aqui delimitado o *conto tradicional*, tendo em conta a sua transmissibilidade, de geração em geração. Poder-se-á, assim, considerar que, no tocante ao contexto de produção, os *contos tradicionais* têm em comum o facto de terem sido transmitidos de geração em geração, tendo sido apropriados sucessivamente por um público anónimo e/ou conhecido, letrado ou não, podendo ter sido concebidos no meio erudito e/ou escrito, ou não. Quanto ao destinatário, o *conto tradicional* dirigir-se-ia aos adultos³, que viviam e conviviam com os mais velhos. Para entreter ou para moralizar, a sua função terá sempre tido uma dupla vertente, a lúdica e a didática.

Recorrendo ao modelo de arquitetura textual proposto por Bronckart (1997, 2008), sintetizam-se, no quadro abaixo (Quadro 1), os principais aspetos desse modelo, propondo-se simultaneamente uma sistematização das características do género textual *conto tradicional*. A partir da noção de conto tradicional aí apresentada, podemos explicitar as características do género que aqui se assume como *conto tradicional multicultural* (CTM).

O conto tradicional ter-se-á disseminado através de viajantes, pelo que, muitas vezes, um conto tradicional característico de determinada região surge numa outra, apresentando apenas pequenas diferenças ao nível do conteúdo. Ao serem apreendidos por uma cultura, os contos são por ela assimilados, apresentando marcas específicas dessa cultura. Isto faz com que, por vezes, uma alteração, ainda que mínima, de um conto implique uma leitura/interpretação diferente.

Consideram-se assim *CTM* os contos tradicionais que, dada a sua ancestralidade e divulgação por outros espaços culturais, podem ser

considerados versões de contos que passaram a fazer parte de diferentes culturas e que, apesar de terem sofrido alterações e adaptações, apresentam um denominador comum, permitindo, contudo, leituras plurais consoante a cultura em que se encontram inseridos. O CTM será, então, aquele que apresenta as características apresentadas no quadro acima, a que acrescem as seguintes:

- Transmissão: oral e/ou escrita em vários contextos culturais (contexto de produção, físico e sociossubjetivo);

² Coelho, N. N., [1987]2012 e Correia, J. D. P., 1993, entre outros.

³ Note-se que hoje chamamos “criança” a indivíduos que têm a mesma idade de outros que outrora viviam e conviviam com adultos, sendo considerados como tal.



Quadro 1 – Características do gênero textual *conto tradicional* (Bronckart 1997, 2008)

<i>Gênero textual conto tradicional</i>	
Contexto de produção (físico e sociossubjetivo)	<ul style="list-style-type: none"> • Momento: originalmente remoto • Produtor: anônimo e/ou coletivo e/ou tradicionalmente instituído • Recetor: ouvintes/leitores • Objetivo: entreter, transmitir valores • Transmissão: oral (podendo ter origem em texto escrito)
Conteúdo temático	<ul style="list-style-type: none"> • Personagens: pessoas, animais ou outros seres; sem nome, ou com nomes que funcionam como apelidos (Pedro de Malas Artes) e/ou nomes de profissões (o brâmane, o moleiro) • Localização espaciotemporal definida ou indefinida
Características estruturais e linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura predominantemente narrativa (situação inicial, nó desencadeador, (re)ações, desenlace, situação final) • Linguagem simples: vocabulário restrito e estruturas sintáticas simples, eventual inserção de sequências dialogais, descritivas, argumentativas e explicativas; descrições em que predomina a etopeia (descrição de costumes e paixões) • Marcas da oralidade (sequências dialogais; linguagem coloquial, expressões populares) • Fórmulas fixas (era uma vez, havia) • Marcadores de temporalidade indeterminada (certo dia) • Marcadores de espaço especificado (na margem do rio x) ou indeterminado (numa terra) • Verbos ser, haver, ter e/ou estar no pretérito imperfeito do indicativo; outros verbos no pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo • Moral explícita (formulação destacada/comentário do narrador, no início, no meio e/ou no final do conto) e/ou • Moral implícita (dedutível através das atitudes das personagens e estratégias avaliativas) • Moral ambígua/Pluralidade de leitura e/ou • Moral ambivalente • Modalização deôntica explícita ou implícita • Narrador geralmente ausente

P

- Presença de elementos comuns a contos tradicionais pertencentes a outros contextos culturais, distinguindo-se pelas marcas culturais das diferentes culturas pelas quais foram assimilados.

O CTM: um ponto de encontro linguístico-cultural

O CTM poderá, por isso, ser uma mais-valia na aula de língua materna e um ponto de encontro entre várias línguas e culturas.

De acordo com Faria (2009:13), “a tradição de contar *estórias* remonta ao momento em que o próprio Homem começou a comunicar”. Braga (1994a:28), por seu turno, refere que já Platão considerava os contos tradicionais um excelente meio de educação. Este *género textual* nem sequer terá sido dirigido às crianças, funcionando como ritual de passagem da adolescência para a idade adulta, tendo como destinatários/narratários os adultos. O próprio conceito de criança era diferente noutros tempos. De acordo com Ariès ([1960]1975), autor que baseia grande parte do seu trabalho em toda a imagética através da qual a criança tem vindo a ser representada, na Idade Média, a infância terminava quando a criança era desmamada, o que acontecia por volta dos seis ou sete anos de idade. A partir daí, ela passava a conviver definitivamente com os adultos, acompanhando sempre o adulto, fazendo o mesmo que ele: trabalhar, frequentar ambientes noturnos, etc. Se a infância terminava cedo, a adolescência, segundo este autor, nem sequer existia. Esta perspetiva permite-nos perceber que a narração do conto tradicional serviria de entretenimento e pretexto para o convívio no meio de adultos, ainda

que alguns desses adultos sejam aquilo que hoje consideramos crianças/adolescentes. Esta poderá ser uma das razões pelas quais o conto tradicional apresenta, por vezes, um cariz imoral ou amoral, podendo ainda ser ambíguo do ponto de vista da moralidade que lhe subjaz⁴.

Ao longo dos tempos, com a consciencialização da noção de criança, o conto tradicional foi-se alterando, tendo sido posto ao serviço da educação e dos valores instituídos pela sociedade, de acordo com os interesses de cada época. Isto verificou-se, por exemplo, durante a vigência do Estado Novo. Em Portugal, nos manuais vigentes durante essa época, para os primeiro e segundo ciclos do ensino básico, o conto tradicional serve de base para o ensino da leitura e da escrita. Os programas de Língua Portuguesa da época indicam que devem ser trabalhados textos como “narrativas, contos e fábulas que possam contribuir para a educação moral dos alunos”⁵. Esta utilização do conto tradicional ao serviço de uma política salazarista poderá colocar-nos de sobreaviso, levando-nos ao questionamento sobre a funcionalidade deste género textual.

O desenvolvimento de competências pessoais e sociais que hoje se preconiza nada tem a ver, contudo, com a política do Estado Novo, sendo, atualmente, valorizado o carácter (multi)cultural do conto tradicional. É o que comprova um documento elaborado na XXV Reunião da Unesco, em Paris (Unesco: 1989), em que se incentiva a utilização do conto tradicional em sala de aula, sendo recomendado aos estados-membros que promovam a inclusão do estudo da cultura tradicional e popular nos programas de ensino curriculares e

⁴ Esta perspetiva não invalida a teoria de Bettelheim ([1975]1999), cujos escritos sobre contos de fadas apontam para a crueldade subjacente a alguns contos e a forma como a criança encara toda essa violência subjacente aos contos. Assim, enquanto aqui se refere a génese dos contos tradicionais, o estudo de Bettelheim incide sobre a sua receção, por parte da criança.

⁵ *Programas das Disciplinas do Ensino Liceal*. Decreto no. 37:112, de 22 de outubro de 1948. Lisboa, INCM: 5.

extracurriculares, de forma a “fomentar assim melhor entendimento da diversidade cultural e das diferentes visões de mundo, especialmente as que não participem da cultura dominante” (Unesco 1989: 3).

A rentabilização do caráter *multicultural* de alguns contos tradicionais implica um investimento não apenas nas questões linguísticas relativas às competências textuais, como também no desenvolvimento pessoal e social do aluno, não no sentido de inculcar valores patrióticos tais como os que foram apregoados durante o Estado Novo, mas no sentido de levar os alunos a um melhor entendimento do Outro e do mundo, bem como da diversidade cultural.

Os programas mais recentes de Língua Portuguesa/Português vão no sentido de promover a formação ao nível pessoal e social, associada ao espírito crítico. No recente *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (PMCPEB), um dos objetivos é “Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários, portugueses e estrangeiros, e o modo como manifestam experiências e valores” (Buescu *et al.* 2015 :5). Os programas contemplam a exploração do conto tradicional ou de contos infantis baseados/inspirados na literatura tradicional nos 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico. Assim, para o 1º ciclo, são recomendadas as coletâneas de autores como Adolfo Coelho (2º ano) ou Perrault (3º ano) e ainda Alice Vieira (1º ano), que reescreve o conto “A velha e os lobos”, recolhido por Adolfo Coelho, conto a que dá o título de “Corre, corre, cabacinha”, ou Hans Christian Andersen (4º ano), autor de literatura infantojuvenil, que baseia os seus



textos em contos tradicionais. Para o 2º ciclo, são recomendadas as fábulas de Esopo (5º ano) ou de La Fontaine, o criador da fábula moderna que não apenas se inspira em Esopo, como também recria alguns dos textos do fabulista grego, e ainda os contos dos irmãos Grimm (6º ano). Para o 3º ciclo, os programas contemplam os *Contos Tradicionais do Povo Português* de Teófilo Braga (7º ano).

Uma vez que a literatura tradicional indicada não é apenas portuguesa, poder-se-á integrar também a lecionação do CTM, o qual poderá ter interesse não apenas pelo conto em si, como tam-

bém através da comparação de textos, dando cumprimento aos descritores de desempenho do PMCPEB relacionados com a comparação de textos. Com efeito, no domínio da Educação Literária (EL) para o 6º ano de escolaridade, um dos descritores de desempenho (DD) indicados é “Comparar diferentes versões de um texto e referir diferenças.” (Buescu *et al.* 2015: 72). Para o 7º ano, também se refere o

DD “Comparar textos de diferentes géneros, estabelecendo diferenças e semelhanças (temas e formas)” (Buescu *et al.* 2015 :77)⁶. Para o 9º ano de escolaridade, encontramos o DD “Comparar ideias e valores expressos em diferentes textos de autores contemporâneos com os de textos de outras épocas e culturas.” (Buescu *et al.* 2015 :87).

O CTM poderá, assim, ser um género textual particularmente adequado para a promoção de valores que vão ao encontro da compreensão do Outro e da aceitação dos seus usos e costumes, revelando-se um verdadeiro encontro entre línguas (e culturas) na escola. A questão da multiculturali-

⁶ Tratando-se de diferentes géneros, poder-se-á utilizar contos multiculturais apresentados sob a forma de géneros/tipologias diferentes.

dade é, aliás, um problema cada vez mais acentuado nas escolas, tendo sido levantada por Silva (2013) no seu artigo sobre a diversidade cultural nas escolas e a atitude dos professores face a este problema:

On s'interroge même pour savoir dans quelle mesure l'école, de manière générale, aborde les problèmes de différence culturelle, quelles possibilités de dialogue et de réflexion elle offre aux enseignants pour favoriser l'analyse et la recherche de solutions, de quelle façon elle implique les élèves, les enseignants et les familles dans ce dialogue. Autrement dit, quel est l'apport professionnel des enseignants sur un plan pédagogique et didactique pour aborder la question des cultures dans le contexte de la salle de classe?

Silva, 2013: 80-81

O trabalho com o CTM poderá ser uma forma de abordar este problema, que tem vindo a crescer nas nossas escolas, uma resposta às exigências multiculturais dos tempos que atravessamos. Até porque, ainda que os programas possam ser alterados, o *conto tradicional multicultural* permite sempre que se faça uma comparação de textos além de que é um texto intemporal, fazendo parte do património cultural universal, podendo sempre ser utilizado na leção da língua materna.



Da teoria à prática: uma possível abordagem do CTM

Uma das formas de promover um encontro entre línguas/culturas na escola poderá ser, conforme referido, a introdução do CTM na aula de Português, sendo a comparação de textos uma atividade passível de ser realizada na sala de aula. Faz-se, por isso, aqui, uma breve apresentação e análise comparativa de três CTM, a saber “A cabra do brâmane” (CB), “Os três mentirosos” (TM) e “Os quatro ribaldos” (QR), contos apresentados em anexo. Após esta comparação, são tecidas algumas considerações que vão no sentido de otimizar a abordagem comparativa, sendo ainda apresentadas algumas sugestões de trabalho.

CB é a tradução para o português do conto “The Brahman’s goat” (Ryder 1925: 324-326)⁷, integrado no Livro III do *Panchatantra*⁸. TM é a tradução de um conto inserido numa coletânea de contos originalmente escritos em gujarati (Nayak (s.d.): 43-46) e pretende ser uma versão de

CB. QR (Braga 1994b (vol. II): 79-80), foi retirado do segundo volume dos *Contos Tradicionais do Povo Português* de Teófilo Braga⁹, autor que apresenta a seguinte nota: “Este conto acha-se traduzido do *Orto do Esposo* [...]. A redação mais antiga é a que vem no *Panchatantra*, liv. III, n^o4: *O Brâmane e os Ladrões*” (Braga 1994b: 80).

Os três contos aqui apresentados referem uma situação de logro, aliando o plano discursivo ao acional: as personagens intervenientes dizem mentiras e agem em conformidade, encenando

⁷ Texto que também se anexa e que pode ser aproveitado em contexto interdisciplinar: ler, compreender e analisar o texto em inglês (na aula de Inglês).

⁸ O *Panchatantra* é um conjunto de oitenta e sete contos tradicionais indianos, originalmente registados em sânscrito. Esta obra foi traduzida para o inglês por Arthur W. Ryder (1925).

⁹ Um dos textos narrativos indicados no PMCPEB.

toda uma situação que representa um mundo possível e utilizando uma estratégia única para confirmar a mentira – um sujeito diz algo que não corresponde à verdade e outro, chegando num momento a seguir, confirma esse mundo possível, criado pelo primeiro sujeito¹⁰. Tanto em CB como em TM, três patifes pretendem apoderar-se de algo que pertence a um brâmane, pelo que proferem uma mentira para convencer o interlocutor de que o objeto/referente que ele (interlocutor) vê (traz consigo) não corresponde ao que eles (locutores) veem. Em CB, o referente criado pelos ladrões é, sucessivamente, um cão, um bezerro morto e um burro. Já no segundo conto (TM), o referente criado é sempre um cão. No caso de QR, a situação é a mesma, diferindo apenas no número de personagens intervenientes (quatro ribaldos), que se referem a um (suposto) cão, quando, na realidade, o que o aldeão (a vítima) carrega ao ombro é um carneiro esfolado.

Nos três contos, a estratégia de logro é levada a cabo através de uma atuação em tempos e espaços diferentes (as personagens cruzam-se com a vítima surgindo por caminhos diferentes, fazendo crer que esse encontro é casual e não proposital). Em CB e TM, estas personagens chegam ao ponto de mudar de roupa, para fazer a vítima crer que se trata de pessoas de bem. Nos três contos, as personagens prevaricadoras não deixam a vítima perceber que existe um laço (social, de amizade) que as une, o que quer dizer que existe uma situação de omissão da verdade¹¹, a qual é, afinal, a razão principal pela qual a personagem/vítima se deixa levar pelo engano.

Do ponto de vista da dimensão textual/se-quencial, CB inicia-se com uma chamada de atenção para as características positivas dos três patifes, cujo comportamento se revela negativo¹²:

Repara nos patifes fortes, habilidosos e espertos

Que roubaram a cabra do Brâmane.

Estes dois versos fazem a ligação entre o tempo presente (da narração/leitura) e o tempo cronológico referido no conto, constituindo a sua avaliação (no sentido que Adam 2011 confere ao termo). A moral é, assim, instituída de forma implícita – com efeito, o que o locutor pretende é que o seu ouvinte *repare* nos três patifes. Dada a forte carga pejorativa desta nominalização avaliativa (patifes), parece tratar-se de um conto que preconiza a defesa pessoal, em que o interlocutor é aconselhado a *defender-se* de patifes como os que são descritos no conto e *não* a proceder da mesma forma que os três patifes.

A contextualização do conto, contudo, revela o contrário, pois o narrador incita o narratário a imitar o comportamento dos ladrões:

Eu próprio irei liderar o caminho para a conquista do inimigo. Irei enganá-los e colocá-los numa situação fatal. Pois reza o ditado:

Repara nos patifes fortes, habilidosos e espertos

Que roubaram a cabra do Brâmane.

Este enquadramento do conto revela que o narrador pretende enganar e colocar o *inimigo* numa situação fatal, tratando-se, neste caso, de uma postura pró-ativa que visa derrotar o inimi-

¹⁰ A título de curiosidade, esta estratégia de engano encontra-se também presente no conto português “Os dois mentirosos” (Coelho, A. [1879]1985. *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, Dom Quixote, pp. 95-96).

¹¹ Estratégia de engano também utilizada no conto “Os dois mentirosos” (Coelho, A. [1879]1985. *Contos Populares Portugueses*. Lisboa, Dom Quixote, pp.277-278.

¹² Os contos do *Panchatantra* surgem integrados em diálogos. Sempre que uma personagem inicia a narração de um conto, introduz-la através de determinado aspeto que pretende salientar.

P

go, ainda que seja através do engano, ato universalmente condenado.

No caso de TM, no final do conto, é focalizada a moral, a qual não deixa lugar a dúvidas – trata-se de um conto que ensina os jovens a defender-se dos ladrões:

Ó jovens! Permaneçam longe dos ladrões. Nunca confiem no que eles dizem. Façam sempre aquilo que acharem melhor.

QR, por sua vez, termina com a seguinte frase: “E bem assim comunalmente todo o mundo fala mentirosamente” (Braga 1994b: 80). Esta expressão joga com a generalização (utilização de “todo o mundo” aliada ao presente do indicativo), trazendo-nos de volta ao momento da enunciação. Não se tratando de uma moral explícita, não deixa de advertir o leitor/ouvinte para o facto de se ter cuidado com as pessoas que falam “mentirosamente”.

Do ponto de vista discursivo-pragmático, em CB, a caracterização inicial das personagens prevaricadoras (*Repara nos patifes fortes, habilidosos e espertos/ Que roubaram a cabra do Brâmane*) é feita através de uma nominalização avaliativa pejorativa (*patifes*), modificada por uma adjetivação valorativa (*fortes, habilidosos, espertos*). Ao mesmo tempo, associado a estas personagens, está o ato de roubar (*que roubaram*), um ato universalmente condenado. Tudo isto contribui para o carácter ambíguo (ou, mais do que isso, *ambivalente*) da posição enunciativa do narrador. Estas personagens espiam, cobiçam, encenam para enganar (mudando de roupa e aparecendo em frente ao brâmane com aspetos diferentes), acusam o brâmane (dizendo que ele está a segurar num cão/bezerro morto/jumento ao colo) e ridicularizam-no (apontando um *defeito*, já que a carregar um cão/bezerro morto/burro é um

ato condenável naquele contexto cultural), atitudes que revelam as suas características negativas. Contudo, se atentarmos nas razões que os levam a agir deste modo, vemos que os ladrões se encontram famintos, *têm os estômagos colados às costas*, expressão de cariz hiperbólico que serve como uma atenuante relativamente à gravidade do ato que as personagens estão prestes a cometer. Contudo, logo a seguir, a intenção de enganar vem de novo acentuar a crueldade do ato. Quando se dirigem ao brâmane, os patifes fazem-no utilizando nominalizações modificadas avaliativas (*brâmane pio, sagrado senhor*) que o valorizam. Contudo, ao mesmo tempo que o tratam com deferência, os ladrões tentam humilhar este brâmane com falsas acusações, alegando que estaria a carregar um bezerro morto, um cão ou um asno. A utilização da expressão avaliativa interjetiva com função interativa (*Ai de mim!*) coloca o segundo patife numa situação de superioridade perante o brâmane, uma vez que tem como objetivo recriminar o imaginado ato do brâmane, que, segundo esse ladrão, estaria a carregar um bezerro morto.

Quanto ao brâmane, o seu estatuto (enquanto membro de uma classe social conceituada de acordo com o sistema de castas que rege a religião hindu, em que a casta dos brâmanes é a mais alta, digna de veneração) confere-lhe, à partida, uma posição de superioridade. Por outro lado, o nome (próprio) que lhe é atribuído pelo narrador *Friendly*, aqui traduzido por *Amigalhaço*) também o valoriza. Já o facto de necessitar de pedir, não sendo uma humilhação, acaba por colocar esta personagem numa situação de inferioridade, criando, contudo, no ouvinte uma simpatia para com o sacerdote que será alvo de logro. No entanto, não é para se alimentar que esta personagem pede a cabra, mas para realizar um sacrifício reli-

gioso, o que faz com que se possa justificar o roubo dos patifes que, afinal, queriam a cabra para se alimentar. Podemos ver que, neste conto, a moral implícita é ambivalente, indo da condenação do ato de enganar/roubar à aprovação desse mesmo ato.

Em TM, ainda que haja apenas uma pequena diferença ao nível da construção dos mundos possíveis, ao nível da dimensão configuracional, a imagem dos três mentirosos é sempre negativa, não havendo atenuantes que justifiquem o seu ato de roubar. Neste conto, a referência aos prevaricadores é sempre feita com a utilização de nominalizações avaliativas com valor pejorativo (*burlões, criminosos*), que apontam para um ato universalmente condenado. Aqui, o motivo que os leva a roubar a cabra não é a fome extrema, como acontecia no conto do *Panchatantra*, mas o facto de se sentirem tentados (*os três sentiram-se tentados*), pretendendo roubar a cabra apenas porque havia muitos dias que *não comiam de barriga cheia* e desejavam fazer um banquete. A utilização de um verbo marcado com valor negativo (*apoderar-se de algo através do engano*) para referir os atos dos mentirosos, bem como a referência ao *riso*, marca paraverbal associada a um comportamento negativo, o de humilhar e destruir a face do sacerdote, também contribui para a criação da imagem negativa dos três ladrões.

Quanto a este brâmane, é, desde o início, digno de compaixão. Assim, a caracterização do sacerdote é feita com recurso à utilização do modificador restritivo “pobre” em “havia um brâmane pobre”, associado a outras expressões que salientam esta característica: *por muito que se esforçasse, não conseguia alimentar suficientemente*

a família, expressão que traduz a sua incapacidade de lidar com os problemas, personagem em situação extrema de desespero (*estava farto da sua pobreza*), incapaz de cumprir uma obrigação paternal, a de prover o sustento dos filhos (os seus filhos nem tinham leite para beber), informação reforçada pela conjunção copulativa *nem*, associada a *ter leite*. Note-se que o objetivo do brâmane não é comer a cabra (até porque enquanto brâmane, praticante do hinduísmo, não poderia consumir carne), mas ter um animal que dê leite para os seus filhos.

Todas estas expressões, bem como o facto de pedir (não para si, mas para os seus filhos), acentuam o estado de indignância da personagem, facto que nos leva a condenar o ato dos ladrões e a sentir simpatia pelo pobre homem, descrito como alguém que necessita de ajuda, despertando o sentimento de solidariedade. Além disso, o facto de querer tratar bem a cabra do fazendeiro ao ponto de querer levá-la ao colo, ainda que contra a vontade do animal, revela o caráter humano e piedoso deste brâmane.

Em QR, a nominalização avaliativa *ribaldos*, inserida no título do conto, contém um sentido pejorativo, caracterizando as quatro personagens malfeitoras (tal como, aliás, se verifica no conto anterior, com a utilização de “mentirosos”) e orientando, desde o início, a leitura do texto. A condenação do ato dos ribaldos é reforçada pela utilização da forma verbal *aperfiou* que indica a insistência do ladrão em convencer o aldeão. Este, por seu turno, é caracterizado de *rústico*, adjetivação que lhe confere alguma ingenuidade, mas que, ao mesmo tempo, contém um traço pejorativo. A fórmula de tratamento utilizada para se dirigir ao ladrão (irmão), que, aliás, se assemelha às fórmu-



P

las de tratamento orientais, reforça esta ingenuidade, uma vez que o aldeão, ao colocar-se no mesmo nível que o ladrão, deixa transparecer que não consegue pressentir o perigo, não consegue distinguir um ladrão de um transeunte sem qualquer intenção maléfica. Podemos verificar que existe alguma ambiguidade nesta moral que, por um lado, condena o ato dos ladrões, mas, ao mesmo tempo, penaliza e critica severamente a credulidade do (*rústico*) aldeão.

A análise acima efetuada revela que, em termos avaliativos, ainda que os dois primeiros contos (CB e TM) sejam variantes do mesmo conto, apresentam uma mensagem completamente divergente. Enquanto a moral do primeiro conto é ambígua, condenando o ato de enganar, mas dando um benefício de dúvida aos três patifes, no segundo conto, não há lugar a dúvidas, indo a moral ao encontro dos valores axiológicos instituídos na sociedade. Por outro lado, se compararmos TM e QR, constatamos que ainda que pertençam a regiões cujas culturas são completamente diferentes (indiana e portuguesa), são os contos que mais se aproximam em termos avaliativos, pois apresentam uma dupla mensagem do ponto de vista da moralidade, podendo estes dois textos ser lidos de uma forma plural (enganar é incorreto/a credulidade é castigada).

Poder-se-á, então, concluir que em CB o engano é condenado, devendo as pessoas ter cuidado com ladrões fortes, habilidosos e espertos, não devendo ser crédulas e acreditar em tudo o que se lhes diz; contudo, não podemos deixar de pensar que, afinal, as três características dos ladrões apontadas no início e reforçadas no final do conto (fortes, habilidosos e espertos) são positivas, além

de que os três patifes apenas pretendem roubar a cabra para resolver uma situação de pobreza extrema, pois estavam famintos e não comiam há muitos dias. Por seu turno, o brâmane apenas necessita da cabra para um ritual religioso, o que é um desperdício face à necessidade de sobreviver dos ladrões.

Em TM não pode haver lugar a dúvidas quanto à moral, não apenas por se encontrar explicitamente inscrita no final (“Permaneçam longe dos ladrões. Nunca confiem no que eles dizem. Façam sempre aquilo que acharem melhor”), como também por, desde o início, a sua presença se fazer

sentir através de estratégias avaliativas de modificação e de encenação dos acontecimentos que caracterizam de forma apreciativa a personagem brâmane e de forma depreciativa os três mentirosos. Neste conto não há ambiguidade/ambivalência, podendo a moral ir no sentido de não se dever acreditar em tudo o que nos dizem, devendo as pessoas confirmar os factos, ainda que sejam três pessoas a dizer a mesma coisa.

Quanto a QR, apresenta uma mera constatação no lugar da moral, o que condena, mas atenua, por um lado, o ato de roubar, penalizando, contudo, a credulidade, bem como a ausência de espírito crítico e de autoconfiança da personagem que é vítima do engano.

O ponto comum aos três contos é uma advertência: se duas pessoas confirmam um facto, podem estar a construir um mundo possível, mas isso não significa que estejam a dizer a verdade, devendo as pessoas verificar essa veracidade.

No Quadro 2, apresenta-se uma comparação esquematizada dos três contos.



Quadro - A construção da moral em CB, TM e QR

Análise / Contos	CB	TM	QR
Conteúdo	Mudança de roupa e atuação em tempos e espaços diferentes + omissão da verdade (laço que une os ladrões)	Mudança de roupa e atuação em tempos e espaços diferentes + omissão da verdade (laço que une os ladrões)	Atuação em tempos e espaços diferentes + omissão da verdade (laço que une os ladrões)
Responsabilidade enunciativa	Conselheiro do Rei dos Corvos (personagem com autoridade)	Não especificada (Narrador ausente ao longo do texto, apenas presente no final – vocativo)	Não especificada (Narrador ausente ao longo do texto)
Focalização / Desfocalização da moral	No início e no fim do conto, através da referência à caracterização das personagens e situação de narração.	No final do conto, dirigida aos narratários.	No final do conto, através de uma constatação (desfocalizada).
Modificação/nominalizações avaliativas	Presente na designação e caracterização das personagens	Presente na designação e caracterização das personagens	Presente na designação e caracterização das personagens
Pluralidade de leitura /Moral	Moral ambígua/ ambivalente: - Comentário inicial e final do narrador (patifes + fortes, habilidosos, espertos) - Patifes: famintos - Brâmane: apenas necessita da cabra para sacrifício	Moral inequívoca: - Comentário final do narrador - Brâmane: necessita da cabra para dar leite aos filhos Os 3 mentirosos: desejam fazer um banquete	Moral ambígua: - Comentário final pouco reforçado - Ausência de reforço da maldade do ato dos quatro ribaldos; Aldeão: sem instrução, “rústico”, cuja ingenuidade é castigada.
	MORAL: o engano é condenável/o engano, se justificado, pode não ser condenável/através do engano podemos derrotar o inimigo	MORAL: o engano é condenável	MORAL: o engano existe; não podemos acreditar em tudo o que nos dizem/se não tivermos espírito crítico, podemos ser enganados

Considerações finais

A comparação de textos poderá servir para promover um espírito de aceitação do Outro, não se esgotando na mera observação das diferenças e semelhanças entre os textos, mas aprofundando questões relativas à multiculturalidade, as quais passam pela contextualização dos três contos. A moralidade subjacente a estes três CTM deverá ter em conta que:

1. CB é um conto do *Panchatantra*, coletânea ancestral de contos que visa formar três príncipes, os futuros governantes de um país. A estratégia de engano que aqui se valoriza tem como objetivo ensinar os príncipes a defender-se do inimigo – atacá-lo primeiro, antes de sofrer um ataque por parte dele;
2. TM é uma versão relativamente recente de CB, destinada a crianças, pelo que nunca poderá elogiar os mentirosos. Neste texto, não subsiste qualquer dúvida relativamente à moral, até porque se encontra inscrita e destacada no final do conto;
3. QR faz parte de um projeto de recolha de textos, que tem como objetivo procurar as raízes de um povo através da ressurreição da sua literatura popular. Não existe aqui a preocupação pela moralidade (ainda que a moral não deixe de estar aí presente), mas pela fidedignidade do texto.

Poder-se-á, então, dizer que enquanto a cultura oriental, seja ela ancestral ou recente, tem como objetivo promover o ensinamento e o desenvolvimento de competências sociais, o texto de Teófilo Braga tem como objetivo primordial apresentar as raízes e a cultura de um povo, sem se preocupar com a moralidade, ainda que esta não deixe de estar aí presente. Quanto à presença de elementos multiculturais, valerá a pena chamar a atenção

dos alunos para o facto de os dois primeiros contos (CB e TM) integrarem marcas culturais, presentes nas personagens apresentadas, bem como nos comentários dos três prevaricadores, sempre que se dirigem ao brâmane.

Com base na análise efetuada, são propostas as seguintes atividades:

1. Leitura e compreensão dos textos apresentados. Caso se deseje fazer uma articulação interdisciplinar, o texto CB, na sua versão original (“The Brahman’s goat”), que se anexa, poderá ser lido e explorado na aula de Inglês).
2. Análise comparativa de três CTM:
 - reconhecer e refletir sobre os valores axiológicos que perpassam os três CTM apresentados;
 - reconhecer as estratégias utilizadas pelo narrador (palavras ou expressões) para orientar a leitura do texto (brâmane de CB – o que o leva a pedir um animal e qual o sentimento que desperta no leitor; os três ladrões – o que os leva a roubar e quais os sentimentos que despertam no leitor; quais os adjetivos que os caracterizam ; que expressões permitem tolerar a atitude destes ladrões; quais as classes de palavras associadas à sua caracterização...);
 - efetuar uma pesquisa sobre a palavra “brâmane”/castas/hábitos alimentares dos praticantes do hinduísmo...
 - refletir sobre os valores axiológicos presentes nos três CTM (de que forma é que a moral se encontra inscrita nos três contos);
 - refletir sobre a diferença eu-outro, a partir da presença de elementos semelhantes em culturas tão diferentes.
3. Produção escrita e revisão de texto (produção de um texto de opinião):

- produzir um texto de opinião sobre a questão da discriminação, bullying...

Estas são apenas algumas das várias hipóteses de trabalho com CTM. Não foi aqui especificado o nível de ensino em que o CTM deverá ser explora-

do, uma vez que tudo depende do grupo-turma que um professor tem à sua frente, pelo que se considera que é ao docente que cabe decidi-lo, de acordo com as características dos seus alunos.

Anexo

The Brahman's goat¹³

Even in these circumstances there is an effective procedure other than the six expedients. This I will adopt, and will myself lead the way to conquer the enemy. I will deceive them and put them in a fatal situation. For the saying goes:

The strong, deft, clever rascals note,
Who robbed the Brahman of his goat."

"How was that?" asked Cloudy. And Live-Strong told the story of

THE BRAHMAN'S GOAT

In a certain town lived a Brahman named Friendly who had undertaken the labour of maintaining the sacred fire. One day in the month of February, when a gentle breeze was blowing, when the sky was veiled in clouds and a drizzling rain was falling, he went to another village to beg a victim for the sacrifice, and said to a certain man: "O sacrificer, I wish to make an offering on the approaching day of the new moon. Pray give me a victim." And the man gave him a plump goat, as prescribed in Scripture. This he put through its paces, found it sound, placed it on his shoulder, and started in haste for his own city.

Now on the road he was met by three rogues whose throats were pinched with hunger. These, spying the plump creature on his shoulder, whispered together:

"Come now! If we could eat that creature, we should have the laugh on this sleety weather. Let us foil him, get the goat, and ward off the cold."

So the first of them changed his dress, issued from a by-path to meet the Brahman, and thus addressed that man of pious life: "O pious Brahman, why are you doing a thing so unconventional and so ridiculous? You are carrying an unclean animal, a dog, on your shoulder. Are you ignorant of the verse:

The dog and the rooster,
The hangman, the ass,
The camel, dishonour you:
Don't touch them, but pass."

At that the Brahman was mastered by anger, and he said: "Are you blind, man, that you impute doghood to a goat?" "O Brahman," said the rogue, "do not be angry. Go whither you will". But when he had travelled a little farther, the second rogue met him and said: "Alas, holy sir, alas! Even if this dead calf was a pet, still you should not put it on your shoulder. For the proverb says:

¹³ Ryder 1925: 324-326 (adaptado).

P

Touch not unwisely man or beast
That lifeless lie;
Else, gifts of milk and lunar fast
Must purify."

Then the Brahman spoke in anger: "Are you blind, man? You call a goat a calf." And the rogue said: "Holy sir, do not be angry. I spoke in ignorance. Do as you will."

But when he had walked only a little farther through the forest, the third rogue, changing his dress, met him and said: "Sir, this is most improper. You are carrying a donkey on your shoulder. Yet the proverb tells you:

If you should touch an ass be it
In ignorance or not
You must wash your clothes and bathe,
To cleanse the sinful spot.
Pray drop this thing, before another sees you."

So the Brahman concluded that it was a goblin in quadruped form, threw it on the ground, and made for home, terrified. Meanwhile, the three rogues met, caught the goat, and carried out their plan.

"And that is why I say:

The strong, deft, clever rascals note,
and the rest of it.

A cabra do brâmane (CB)¹⁴

Mesmo nestas circunstâncias, existe um método eficaz, diferente dos outros seis. Irei adotá-lo e eu próprio irei liderar o caminho para a conquista do inimigo. Irei enganá-los e colocá-los numa situação fatal. Pois lá diz o ditado:

*Repara nos patifes fortes, habilidosos e espertos
Que roubaram a cabra do Brâmane.*

– Como é que foi isso? – perguntou o Rei dos Corvos. E o seu ministro contou a história d’

A CABRA DO BRÂMANE

Numa certa terra vivia um brâmane chamado Amigalhaço, que tinha a seu cargo a tarefa de manter acesa a chama sagrada. Certo dia, durante o mês de fevereiro, em que a brisa soprava suave, o céu estava envolvido em nuvens e caía uma chuva miudinha, ele foi a outra aldeia pedir uma vítima para sacrificar e disse a um homem:

– Ó sacrificador, eu gostaria de fazer uma oferenda no próximo dia de Lua Nova. Por favor, dá-me uma vítima.

E o homem deu-lhe uma cabra gordinha, tal como se pedia nas Sagradas Escrituras. O brâmane examinou-a, achou-a adequada ao sacrifício, colocou-a ao ombro e partiu rapidamente para a sua cidade.

Ora, na estrada, foi visto por três patifes, cujos estômagos estavam colados às costas. Espiando o sa-

¹⁴ Tradução do conto "The brahman's goat". Esta tradução foi adaptada e simplificada, para utilização na aula, não sendo, assim, uma tradução fiel.

cerdote, os três viram a criatura gorda ao seu ombro e sussurraram:

– Ena! Se pudéssemos comer essa criatura, podíamos-nos regozijar neste tempo gelado. Vamos enganá-lo e ficar com a cabra, defendendo-nos assim do frio.

E assim, o primeiro ladrão mudou de roupa e, vindo de um outro lado, cruzou-se no caminho do brâmane, dirigindo-se deste modo ao homem religioso:

– Ó brâmane piedoso, por que está a fazer uma coisa tão pouco convencional e tão ridícula? Está a carregar um animal impuro, um cão, ao seu ombro! Ignora o verso?

“O cão, o galo,

O carrasco, o jumento e

O camelo desonram-te:

Não os toques ao passares por eles”.

Perante isto, o brâmane enfureceu-se e disse:

– Estás cego, homem, estás a ver um cão onde está uma cabra?

– Ó brâmane – disse o patife – não fique zangado. Faça o que entender.

Mas quando o sacerdote avançou mais um bocado, o segundo patife cruzou-se no seu caminho e disse:

– Ai de mim, Santo Senhor, ai de mim! Ainda que um bezerro morto fosse um animal de estimação, não o deveria colocar ao ombro. Pois o provérbio diz:

“Não toques imprudentemente num homem ou num animal

Que se encontre sem vida;

Se o fizeres, dá oferendas de leite ou faz o jejum lunar,

Pois isso deverá purificar-te”.

Então o brâmane vociferou:

– Estás cego, homem? Estás a chamar bezerro a uma cabra?

E o patife disse:

– Santo Senhor, não se zangue! Eu falei por ignorância. Faça o que entender.

Entretanto, quando o brâmane caminhou mais um pouco pela floresta, o terceiro patife, mudando de roupa, cruzou-se no seu caminho e disse:

– Senhor, isto é muito inapropriado! Está a carregar um burro ao ombro! Contudo, o provérbio diz-nos:

“Se tiveres de tocar num jumento

Seja por ignorância ou não

Deverás lavar a tua roupa e tomar banho

Para limpar as nódoas pecadoras”.

– Por favor, largue esta coisa, antes que mais alguém o veja!

Então o brâmane concluiu que aquilo que ele carregava ao ombro era um duende em forma de quadrúpede. Por isso, atirando a cabra para o chão, voltou para casa, aterrorizado. Entretanto, os três patifes encontraram-se, pegaram na cabra e levaram avante o seu plano.

E é por isso que digo:

Repara nos patifes fortes, habilidosos e espertos

Que roubaram a cabra do Brâmane.

Os três mentirosos (TM)¹⁵

Havia um brâmane tão pobre que mal conseguia viver à custa do pouco que ganhava, atendendo os seus clientes. A sua família era muito grande: pais, quatro irmãs, mulher e três crianças. Por isso, por muito que se esforçasse, nunca conseguia sustentar devidamente a família. O brâmane já estava farto da sua miséria; os filhos nem sequer tinham leite para beber, por isso a mulher gritava muito com ele. E assim, certo dia, o pobre homem foi ter com um fazendeiro de uma aldeia vizinha e expôs o seu problema.

O fazendeiro era um pouco avarento, por isso, em vez de dar ao brâmane uma vaca, deu-lhe uma cabra gordinha. O brâmane ficou felicíssimo!

“Que seja uma cabra! Pelo menos os meus filhos terão leite para beber!” – pensou.

O sacerdote deu a bênção ao fazendeiro e, levando a cabra, tomou o caminho de regresso para a aldeia.

No caminho pensou:

“Esta cabra é do fazendeiro. Deve ter tido uma vida confortável. Por isso, não a devo fazer andar tanto.”

E pegou na cabra ao colo. Mas a cabra algum dia havia de gostar? Ela começou a tentar saltar do seu colo. Então, o brâmane amarrou-lhe as duas patas da frente e as duas patas de trás com uma trepadeira. Seguidamente, colocou a cabra aos ombros e pôs-se a caminho.

Entretanto, por baixo de uma árvore, estavam três patifes a descansar. Assim que viram o brâmane com a cabra, sentiram-se tentados a tirar-lha. Um deles disse:

– Que cabra tão gordinha! Há já tantos dias que não comemos bem! Se conseguíssemos roubar esta cabra, esta noite poderíamos fazer um banquete!

Os outros dois concordaram com o primeiro ladrão.

O brâmane nunca iria entregar a cabra a bem. Se lha tirassem, o brâmane começaria a gritar. E se os camponeses, que trabalham nas imediações, ouvissem a gritaria, eles teriam de fugir.

Dos três, havia um ladrão muito inteligente. Ele pensou numa estratégia e revelou o seu plano aos outros dois, que ficaram muito contentes. E assim, os três ladrões prepararam-se para se apoderar da cabra do brâmane.

Indo por um outro caminho, os três ladrões passaram à frente do brâmane. Depois, o primeiro ladrão cruzou-se no caminho do brâmane. Assim que se aproximou dele, disse:

– Santo Deus, Sacerdote! Para onde é que leva este cão? Está doente?

– Cão? Vês bem, ou quê? Isto é uma cabra, percebeste? – gritou o brâmane.

– Sacerdote, eu só vejo um cão! O senhor é um brâmane e pega neste cão? Isso fica-lhe mal! Mas faça como quiser.

E dizendo isso, afastou-se.

O brâmane continuou o seu caminho e encontrou o segundo ladrão. Este tinha um aspeto de comerciante. Assim que viu o brâmane, mostrou-se ficou sobressaltado e parou.

– Ora, ora, Marajá! Para onde é que leva este cão ao colo? Pode tocar num cão? Não esteve a fumar ópio, pois não?

O brâmane enfureceu-se.

¹⁵ Tradução (adaptada) do conto gujarati “Tranr dhutará” in Nayak, J. N. (s. d.). *Área Sanskruti nô Amulya Wársô Panchatantra Kathá (Incalculável Herança da Cultura Sânsrita. As Histórias do Panchatantra)*. Surat, Sâhityá Sangam, 43-46.

– Irmão! Isto é uma cabra. Não é um cão, percebeu?

O ladrão riu-se.

– Esteve mesmo a fumar ópio, está mais que visto. Algum dia um cão se transformaria numa cabra? Se calhar não vai acreditar em mim e não vai pôr o cão no chão.

Rindo-se, também esse ladrão se afastou do brâmane.

O sacerdote pensou:

“Quando uma pessoa diz que é cão, pensamos que está a gozar. Mas outra pessoa também diz a mesma coisa! Então não será mesmo um cão?”

O brâmane tirou a cabra do ombro, olhou-a bem e certificou-se de que era de facto uma cabra. Ficou mais calmo e tornou a colocar o animal ao ombro, recomeçando a andar.

Mais adiante, apareceu o terceiro ladrão. Assim que viu o brâmane, desatou a rir alto.

– Ó brâmane! Estiveste a fumar ópio ou quê? Ou então fumaste haxixe! Para onde é que vais com esse cão ao ombro? Olha que te fica mal! Vá, coloca-o no chão, caso contrário, as pessoas deixarão de te respeitar!

Desta vez o brâmane assustou-se mesmo. Começou a pensar:

“De certeza que isto não é uma cabra, mas parece mesmo um herbívoro!”

Pegou na cabra, colocou-a ao chão e fugiu para a sua aldeia. Nem sequer respondeu ao terceiro ladrão.

Assim que o brâmane desapareceu da vista, os outros dois ladrões foram ter com o terceiro ladrão. Os três pegaram na cabra e foram-se embora, rindo-se maliciosamente.

“Ó jovens! Permaneçam longe dos ladrões. Nunca confiem no que eles dizem. Façam sempre aquilo que acharem melhor”.

Os quatro ribaldos (QR)¹⁶

Um rústico aldeano matou um carneiro e esfolou-o e levava-o às costas para o vender, em o mercado. E falaram-se quatro ribaldos que estivessem em quatro lugares em a carreira per u havia de ir aquele aldeão, e que cada um lhe dissesse que aquele carneiro era cão, por tal que o deitasse de si, e que o houvessem eles. E quando o aldeão passou per u estava o primeiro ribaldo, disse-lhe:

– Pera que levais assim esse cão?

Respondeu o aldeão:

– Irmão, não sabes o que dizes, ca certamente carneiro é e não cão.

E o ribaldo aperfiou com ele que era cão. E assim o fizeram os outros três ribaldos. E o aldeão vendo isto disse antre si:

– Eu cuidava que isto era carneiro; mas pois todos dizem que é cão, não hei que faça dele, – e lançou o carneiro em terra e foi-se. E os ribaldos tomaram-no.

E bem assim comunalmente todo o mundo fala mentirosamente.

¹⁶ Braga 1994b (vol. II): 79-80. Por questões de fidelidade, não foram feitas quaisquer alterações ao texto apresentado nesta 3ª edição do livro.

BIBLIOGRAFIA

- Adam, J.-M. (2011). *Genres de récits : Narrativité et généricité des textes*. Louvain-la-Neuve: Editions Academia.
- Ariès, Ph. ([1960]1975). *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil.
- Braga, T. (1994a). *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. I. Lisboa: Dom Quixote, 2ª ed..
- _____ (1994b). *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. II. Lisboa: Dom Quixote 3ª ed..
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours : pour un interactionnisme sociodiscursif*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- _____ (2008). «Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue ». In *Texto!* Janvier, vol. XI-II, nº 1. URL: em revue-texto.net - clicar (último acesso a 31-10-2017).
- Buescu, H. C. et al. (2015). *Programas e Metas Curriculares do Português*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Coelho, N. N. ([1987]2012). *O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos* (4ª ed.). Lisboa: Nova Vega.
- Correia, J. D. P. (1993). “Os géneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação” In *O Foco – Literatura Oral/Literatura Popular. Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 9, 63-69. Lisboa: AULP.
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Faria, R. M. V. C. T. (2009). *O Conto Popular Português. Dissertação de Doutoramento*. Porto: Universidade do Porto.
- Morais, Armindo J. B. (2010). *Narrativas Conversacionais. A Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nayak, J. N. (s. d.) “Os três mentirosos”; “A raça humana não tem valor”. In *Área Sanskruti nô Amulya Wársô Panchatantra Kathá (Incalculável Herança da Cultura Sânskrita. As Histórias do Panchatantra)*. Surat: Sâhityâ Sangam, 43-46; 186-191.
- Pedroso, C. ([1978]1992). *Contos Populares Portugueses* (5ª edição revista e aumentada). Lisboa: Vega.
- Ryder, A. W. 1925 (trad). *The Panchatantra*. Chicago: University of Chicago Press.
- Silva, M. C. V. (2013). “Les enseignants face à la diversité culturelle des élèves. Études menées dans les établissements scolaires au Portugal » In *Revue internationale d'éducation de Sèvres*, 63 septembre 2013. URL: em ries.revues.org - clicar (último acesso a 31-10-2017).
- Unesco (1989). *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular. Conferência Geral da UNESCO - 25ª Reunião*, Paris, 15 de novembro de 1989 URL: em cvc.instituto-camoes.pt (hiperligação) (último acesso 31-10-2017).

- Vasconcelos, J. L. ([1963]1964). *Contos Populares e Lendas*. Vol. I. Soromenho, A. S. & Soromenho, P. C. (eds). Coimbra, por ordem da Universidade.
- _____ ([1966]1969). *Contos Populares e Lendas*. Vol. II. Soromenho, A. S. & Soromenho, P. C. (eds). Coimbra, por ordem da Universidade.
- _____ (1980-1988). *Etnografia Portuguesa*, vols. I-X. Lisboa, INCM.
- _____ (1984.) *Tradições Populares de Portugal*. Lisboa, INCM.